

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA  
EDUCAÇÃO BÁSICA

Diva Juliana de Abreu Ruela

**CINEMA NA ESCOLA : UMA APROXIMAÇÃO DIFERENTE**

Belo Horizonte  
2015

Diva Juliana de Abreu Ruela

## **CINEMA NA ESCOLA: UMA APROXIMAÇÃO DIFERENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Ana Lúcia Azevedo

Belo Horizonte

2015

Diva Juliana de Abreu Ruela

## **CINEMA NA ESCOLA: UMA APROXIMAÇÃO DIFERENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Ana Lúcia Azevedo

Aprovado em 9 de maio de 2015.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Nome orientador – Ana Lúcia Azevedo - UFMG

---

Nome do Convidado – Prof<sup>a</sup> Mestre Marília Souza Dias - UFMG

## RESUMO

RUELA, Diva Juliana de Abreu. **Cinema na escola: uma aproximação diferente**. 2015. 48 páginas. Curso de Pós Graduação Especialização Lato Sensu em Docência na Educação e Cinema. Da Universidade Federal de Minas Gerais. 2015

O projeto de intervenção pedagógica relatado e problematizado neste estudo foi realizado na Escola Municipal Francisco Campos, no ano de 2014, com alunos da 3ª etapa do 3º ciclo. Essa intervenção teve como objetivo promover ao aluno uma aproximação diferente com o outro presente no seu cotidiano de escola através de uma experiência com o cinema. Foram feitas entrevistas cujo tema principal era “Felicidade”. Percebe-se dentro das escolas a necessidade de um trabalho de formação ética para se estimular um convívio social baseado na solidariedade e respeito. As análises de Bauman sobre o mundo contemporâneo, a liquidez das relações e as reflexões de Adriana Fresquet sobre a potencialidade do cinema na escola foram referenciais importantes para pensar e direcionar o trabalho. No desenvolvimento do projeto, os alunos tiveram contato com a história do cinema, aprenderam um pouco sobre a linguagem cinematográfica, fizeram atividades de preparo e concluíram entrevistando com a câmera filmadora pessoas do universo escolar sobre conceitos de “felicidade”. Tentou-se quebrar a rigidez do sistema da aula tradicional através da exibição de filmes, produções de texto e exercícios de produção audiovisual. O resultado foi satisfatório, houve participação efetiva da turma, interação boa com a escola e qualidade planejada nas produções audiovisuais. Percebi, entretanto, uma dificuldade por parte dos alunos em entenderem o porquê de se trabalhar cinema e se pensar sobre felicidade em uma aula de Português. Contrariando as minhas primeiras expectativas, entendi que é bastante complexo se medir em resultados concretos um projeto envolvendo formação ética, mas que, apesar disso, a escola precisa também exercer esse papel.

Palavras chaves: formação ética, cinema, felicidade

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	6
1.1. Apresentação e justificativa.....	6
1.2. Objetivo geral.....	10
1.3. Objetivos específico.....	10
1.4. Contextualização da escola.....	11
1.4.1. Os alunos.....	11
1.5. Procedimentos metodológicos.....	12
1.5.1. Cronograma.....	13
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	14
2.1. O sujeito ético.....	14
2.2. Cinema e escola .....	16
<b>3. FAZER CINEMA - RELATO DO PROCESSO</b> .....	18
3.1. A preparação.....	20
3.2. A experiência com o Minuto Lumière.....	20
3.3. A experiência com a autobiografia audiovisual.....	23
3.4. A exibição do filme “Enfim, o cinema”, de Jérôme Prieur.....	25
3.5. A exibição do filme “Pro dia nascer feliz”, de João Jardim.....	27
3.6. Proposta de entrevista sobre o tema “Felicidade”.....	28
3.7. Divisão da turma em grupos e começo das filmagens.....	31
3.8. Um breve comentário.....	34
3.9. Escolha e análise das entrevistas.....	36
<b>4. CONCLUSÃO</b> .....	40
4.1. Considerações finais.....	44
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	46
<b>FILMOGRAFIA</b> .....	47

## **I – INTRODUÇÃO**

### **1.1. Apresentação e justificativa**

A nossa era nos oferece possibilidades antes nunca experimentadas, principalmente em relação à facilidade de comunicação à distância e de acesso às informações, tendo em conta os novos inventos tecnológicos que se renovam diariamente. Porém, é comum lermos ou ouvirmos que vivemos em um mundo onde nos comunicamos com quem está longe e nos afastamos de quem está perto; mandamos mensagens pelas redes sociais e não cumprimentamos a quem está ao nosso lado; as celebridades de televisão são conhecidas nas suas particularidades e mal conhecemos sobre nós mesmos. Há uma suspeita de que todo esse aparato está intimamente ligado à fluidez dos relacionamentos e que a experiência do convívio interpessoal sofre perdas.

Parece que existe, nesse contexto, um processo de redefinição das interações sociais, meninos estão se conectando com o mundo, não mais somente entre si e seus familiares. O computador e o celular estão se tornando um meio quase inevitável de comunicação. É comum ouvirmos indagações de alunos sobre como era a vida sem internet. Crianças e adolescentes vivem em um mundo muito diferente daquele vivido por seus pais e avós, é certo. Essas mudanças trazem à tona questões interessantes. Há realmente um distanciamento mascarado pelas facilidades de comunicação. É possível dizer que esses meninos estão perdendo a identidade com o que era para ser familiar? Será que estão perdendo o senso de pertencimento a uma comunidade? Diante de tantas possibilidades de interação, como o contato com o outro/próximo é redefinido? O que se pode fazer, dentro de uma escola, para que os alunos sejam despertados para um olhar sensível àquele que está próximo e que compartilha de seu espaço físico e simbólico ?

Pensando nessas questões, elaborei um projeto que estimulasse os alunos a uma interação diferente com os vários sujeitos que fazem parte do seu meio, viabilizando um olhar novo e diferenciado sobre o outro. A câmera filmadora foi o instrumento de contato com a qual eles fariam entrevistas e o tema para análise foi “felicidade” .

Reconheço a complexidade de algumas questões apresentadas, mas não pretendo, com esse trabalho, aprofundar em questões sociológicas ou filosóficas. O

objetivo dele é bem mais modesto. Refletindo sobre as relações estabelecidas dentro da escola, os conflitos gerados pela falta de diálogo, preconceitos e dificuldade com atitudes cooperativas, percebi uma necessidade especial em direcioná-lo para uma intervenção de caráter de formação ética. A intenção era o desenvolvimento de uma visão mais humanizada daqueles com quem convivemos diariamente, o exercício da alteridade, o reconhecimento da voz do outro através de uma aproximação diferente e criativa. A partir de perguntas como “ O que é felicidade para você?” “Qual foi o dia mais feliz da sua vida?” e o uso da câmera filmadora a aproximação seria viabilizada.

Quem trabalha em uma escola sabe que há uma preocupação muito grande com a disciplina como pré-requisito para a organização do trabalho, mas também que há pouco empenho em programas de formação ética dos alunos. Quando ela existe, essa formação é entendida, invariavelmente, em como fazer com que os alunos obedeçam às regras e se submetam às autoridades. A escola, a meu ver, tem disposto muita energia em convencê-los a seguirem um modelo de disciplina que não estimula uma conscientização efetiva sobre a necessidade de estabelecermos uma convivência saudável, sem que se apele para o uso da força. “Faça a atividade”, “Pare de rir”, “Não converse”, “Não ande pela sala”, “Cumpra suas obrigações”, “Seja responsável”, “Não me venha com desculpas”, “Vou te separar do seu amigo”, “Vou te dar uma ocorrência!”, “PAREM DE GRITAR!” são algumas das frases recorrentes que utilizamos para tentar controlar nossos meninos em sala. A desobediência é resolvida com punição, método tão antigo quanto ineficaz.

Minha experiência dentro da escola é longa e é impossível o tanto quanto indesejável manter convicções que tinha no início da carreira. A realidade presente no cotidiano da escola, os problemas que são enfrentados diariamente e as transformações das relações me provocam a pensar e repensar minha atuação como profissional. Não pretendo desmerecer o trabalho dos professores e a sua dedicação na educação desses meninos. O professor é sujeito de seu tempo e também está submetido à ideologia de sua época. Como professora, conheço de perto todas as dificuldades em se exercer a profissão. Mas gostaria de propor e avaliar outro tipo de prática que favorecesse a aproximação como ação educativa, a análise de valores e o fazer criativo como despertar para outras formas de

linguagem. Meu trabalho tem como fundamento, portanto, o estímulo a um olhar humanizador do outro através de uma prática que privilegie a criação.

A proposta de trabalho que se apresenta, então, foi uma tentativa de permitir um contato diferente dos meninos com eles próprios e com os sujeitos que habitam seu universo escolar, redescobrando o que seria, a princípio, familiar. O cinema entraria em cena como a linguagem que experimentariam para registrar o contato com esses sujeitos e dar-lhes a voz, ouvir-lhes suas experiências e percepções sobre a vida, em específico sobre a idéia que faziam sobre o que seria felicidade.

E qual a relevância de se abordar essa questão, aparentemente simples e óbvia? E o que ela tem a ver com formação ética e escola? É senso comum que, desde sempre, o homem discute o que seria felicidade e é comum ouvirmos que é por ela que todos anseiam, indiscriminadamente. Marco Ferreira de Paula (2014) publicou um livro interessante sobre o tema e nos mostra que o conceito de felicidade é uma construção sócio-histórica, ele muda dependendo de onde e de quando se fala. São inúmeros os filósofos que se debruçaram sobre ela ao longo da história. Para alguns, ela vem associada à idéia de virtude, em outros ao progresso material da humanidade, em outros como algo que só se poderá experimentar na vida pós-morte.

Diante dessa variedade de conceitos, seria interessante refletir com os alunos o que as pessoas dizem que é felicidade hoje Há alguma idéia recorrente? As pessoas escolhem um modelo de felicidade ou é algo imposto? É possível ser feliz? Pretendi discutir essa temática para analisar também com os alunos um imperativo contemporâneo que vincula felicidade a poder de compra, a acúmulo de bens. Hoje é inegável o apelo do consumismo presente explicitamente em anúncios de publicidade, e mais sutilmente nos programas de televisão, nos filmes, nas mais inocentes publicações. Não há respeito nem para com o público infantil, que se vê aliciado pelos canais de desenhos animados, recheados de anúncios publicitários.. É extremamente necessário e urgente abrir espaço dentro da escola para uma reflexão acerca do assunto. De acordo com Marcos Ferreira de Paula:

Nunca, talvez, fomos tão carentes de felicidade. Guardamos ainda a memória das duas grandes guerras do século XX, e as que se seguiram ainda nos ameaçam, como nos ameaça a possibilidade de catástrofes ecológicas que parecem estar cada vez mais próximas e que estão intimamente ligadas a nosso modo de vida capitalista. Mas não são apenas esses fatos que nos afastam da felicidade. São também os eventos e acontecimentos mais cotidianos de uma vida que parece não ter sentido, baseada que está no consumo de bens cada vez mais efêmeros e

perceíveis. Vivemos uma vida cujas promessas de felicidade são tanto mais frágeis quanto não conseguem ser cumpridas, mesmo para aqueles que estão incluídos no sistema de produção e consumo. E talvez estejam ainda mais infelizes os excluídos de hoje e de amanhã. (PAULA, 2014, p.154)

Consumo gera felicidade, mas também gera exclusão social, degradação ambiental, insatisfação e lixo. Parece-me que há um contra-serviço na procura de uma felicidade que se conquista a partir de seu valor como mercadoria. O mesmo autor escreve que o modo de produção capitalista ciência, arte, esporte, religião não fogem à regra. Esse sistema tem o mérito de transformar tudo em mercadoria, oferecendo o consumo como fonte de felicidade, com um agravante, produzindo mais tristeza e falta de sentido à vida. Agora é o momento, portanto, de pensar outro modo de ser feliz, que fuja ao imperativo do consumismo. E é pela reflexão que podemos exercer nossa autonomia e buscar uma transformação que atinja a cada um e a todos, em busca de uma verdadeira felicidade. Nas palavras do mesmo autor: “Há uma alegria em compreender, há uma felicidade no próprio uso do nosso intelecto, como esforço de compreensão das coisas, da natureza e de nós mesmo. (...) e a felicidade não se faz de ilusões.” (PAULA, 2014, p. 155)

E como o cinema se insere nesse contexto? É possível utilizar a linguagem cinematográfica dentro de uma abordagem ética e de reflexão sobre a vida? Sim, é possível. Quando se fala em cinema, quase sempre nos remetemos à exibição de filmes de gênero narrativo e, principalmente, daqueles produzidos em escala comercial. Entretanto, o cinema, enquanto arte da imagem e do dizer, é mais que isso, é uma ferramenta rica e muito interessante de se perceber e conhecer o mundo. Trazer esse tipo de cinema para a escola é relevante, não só para se desconstruir as idéias preconcebidas sobre sua origem e permanência como meio de comunicação quanto para oferecer e estimular uma linguagem nova de apreensão do mundo e do outro..

Produzir filmes, e não somente assistir à sua exibição, é desejável para que o aluno se perceba como ser de ação e não apenas de submissão. A passividade precisa ser substituída assim pelo exercício da escolha daqueles que criam para que o sujeito ganhe autonomia. Introduzir na escola o cinema de autoria é dizer ao aluno que ele pode criar e que ele pode falar. Também é mostrar o cinema como uma possibilidade de enxergar, pensar e recriar o mundo. Refletindo sobre essas questões, achei válido experimentar aliar a linguagem cinematográfica à uma possibilidade de se ter um encontro com aqueles que fazem parte da

escola, validando sua fala e presença. Espera-se que, através desse projeto, os alunos sejam incentivados a pensar, inventar, tomar decisões e que ressignifiquem o contato com aqueles que fazem parte do seu universo escolar.

## **1.2. Objetivo Geral:**

- Produção de entrevistas pelos alunos, filmadas com pessoas do ambiente escolar, sobre a temática Felicidade.

Objetivou-se neste trabalho aproximar os alunos das pessoas com as quais convivem dentro do ambiente escolar, entrevistá-las e registrar o contato. Felicidade foi o tema evocado e objeto de investigação e a câmera filmadora a ferramenta utilizada para o registro. A partir daí, procurou-se desenvolver um espírito crítico e reflexivo sobre a realidade e possibilitar uma experiência nova com cinema.

## **1.3. Objetivos Específicos;**

Para que as entrevistas fossem possíveis, muitas atividades foram realizadas no sentido de preparar os alunos e familiarizá-los com os mecanismos de linguagem do cinema. Priorizaram-se atividades voltadas para a exibição de filmes, de produção audiovisual e debates envolvendo a temática das entrevistas. Procurei envolver os alunos no processo de produção de maneira cooperativa, sem, inclusive, atribuir nota às atividades.

- a) Oportunizar o contato com filmes fora do formato menos comercial
- b) Possibilitar interação dos alunos com as pessoas presentes no ambiente escolar
- c) Desenvolver espírito crítico e reflexivo sobre tema felicidade
- d) Utilizar o cinema como ferramenta criativa para o registro e expressão de um olhar diferenciado sobre o outro

### **1.3.1. Contextualização da escola**

A Escola Municipal Francisco Campos fica localizada no bairro Tupi, regional norte. As famílias são, em sua maioria, desfavorecidas economicamente, existindo casos de muita carência. A presença das mulheres na manutenção do lar é também algo recorrente.

É uma escola grande e antiga (39 anos) que funciona nos três turnos. 1º turno (5º, 6º, 7º e 9º Anos) e 2º turno (1º, 2º, 3º e 4º Anos) do Ensino fundamental. No 3º turno há a Educação de Jovens e Adultos (EJA), sendo duas turmas juvenis e duas turmas de múltiplas idades. Há também o Projeto Escola Integrada nos turnos da manhã e da tarde.

É uma característica importante a permanência dos alunos, que entram na escola nos anos iniciais e saem no 9º ano. A impressão que se tem é que as famílias estabelecem um vínculo mais sólido com o bairro. É comum aos professores mais antigos darem aula para filhos e netos de ex-alunos.

Outra característica é a permanência dos próprios professores na escola. São poucos os que pedem transferência e a tendência é que se aposentem na mesma.

A estrutura da escola fica a desejar. Basicamente, temos 15 salas de aula, um refeitório, uma quadra de futebol, uma boa biblioteca e uma sala de vídeo. Faltam espaços de lazer para o menino e um auditório para acolhermos a comunidade e para nossas apresentações. Também é demanda uma sala de arte. A sala de vídeo é equipada com computador, data-show, tela de projeção e caixa de som. Não há cortina própria para exibição de filmes. Além disso, é bastante abafada, sendo necessário o uso do ventilador, que faz muito barulho.

### **1.3.2. Os alunos**

Os alunos eram todos do 9º ano do ensino fundamental, variando em idades de 13 a 16 anos. A maior parte se conhecia de longa data, o que conferia à sala um clima de intimidade e cordialidade.

Foi apurado, através de conversa, o conhecimento prévio sobre cinema e a predisposição deles para participarem do projeto. Os alunos, no geral, conheciam muito do cinema comercial, demonstrando uma preferência pelo gênero terror.

Quase não tinham assistido à filmes de carácter documental ou do cinema arte. Alguns ficaram um pouco desconfiados diante da novidade apresentada na proposta de trabalho, mas concordaram em fazer parte dela.

A maioria possuía algum tipo de recurso para as filmagens dos trabalhos de preparação, como câmeras de celulares e computadores. Aqueles desprovidos dessa condição foram estimulados a recorrerem aos colegas como ajuda.

Alguns alunos possuíam bom conhecimento sobre o uso de programas de computador e foram fundamentais para que o desenvolvimento do trabalho. É interessante observar que os mesmos não se destacavam nos conceitos nem na disciplina.

#### **1.4. Procedimentos metodológicos**

Para se chegar à prática das entrevistas, os alunos fizeram uma série de atividades voltadas para o conhecimento da história do cinema, experiências de produção e exibição de filmes. Além dessas, conversamos muito sobre cinema e debatemos sobre o tema “felicidade”. o projeto se desenvolveu ao longo do ano, nas aulas de Português. Ele seguiu o seguinte roteiro:

- a) Produção do Minuto Lumière e exibição
- b) Trabalho com o gênero autobiografia
- c) Produção de autobiografia audiovisual e exibição
- d) Pesquisa escrita sobre a pré-história e história do cinema
- e) Exibição do filme “Enfim, cinema”, de Jérôme Prieur e debate
- f) Exibição do filme “Pro dia nascer feliz”, de João Jardim e debate
- g) Produção escrita sobre “o que é ser feliz”
- h) Reflexão em sala sobre o tema felicidade
- i) Orientação para as entrevistas e filmagens, considerando-se aspectos referentes ao tema e também estéticos. Compreensão de elementos de composição do filme: enquadramento, ângulo, iluminação, cores
- j) Formação de grupos de alunos para as filmagens. Cada grupo sairia pela escola durante a aula de Português e faria as entrevistas.
- k) Exibição das entrevistas, apreciação estética e técnica da filmagem.

- l) Reflexão sobre o tema “Felicidade”, observando o que as pessoas dizem sobre o que é ser feliz.

#### 1.4.1 Cronograma

<b>ATIVIDADES</b>	<b>PERÍODO</b>
O Minuto Lumière – produção e exibição	Março de 2015
Autobiografia audiovisual – produção e exibição	Abril de 2015
Pesquisa sobre a pré-história e história do cinema	Agosto de 2015
Exibição de filmes, debates, produção de texto	Agosto de 2015
Orientação para as entrevistas e formação de grupos para as filmagens	Setembro e Outubro de 2015
Exibição das entrevistas e reflexão	Novembro de 2015

**Quadro 1. Cronograma de atividades. 2015**

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1. O sujeito ético

Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, possui uma vasta obra na qual analisa e critica a sociedade contemporânea. Um dos termos mais recorrentes que utiliza é liquidez e se refere a uma perda de valores que antes fundamentavam a vida humana e lhe davam sentido, motivada pelo modo de produção capitalista. Segurança, estabilidade, cooperação, solidariedade parecem não fazer mais parte do projeto da sociedade atual, que privilegia o individualismo e o utilitarismo.

No livro “Tempos Líquidos” ( 2007) , ele utiliza uma metáfora para representar a visão do homem em tempos pré-moderno e moderno. De acordo com ele, na pré-modernidade podemos entender o homem como um jardineiro, aquele que acredita que possui responsabilidade no equilíbrio geral do planeta. Deve, portanto, zelar por ele. O jardineiro estimula o crescimento de certas plantas e retira as que são consideradas daninhas.

Na era moderna, o homem é representado como um caçador, que não se importa com esse equilíbrio, mas com a “matança” como forma de assegurar benefícios particulares. Não há uma preocupação com o esgotamento de recursos, muito menos com a responsabilidade pelo futuro daqueles que ainda virão.

Utilizo essas metáforas para tentar definir o que considero formação ética do indivíduo.

Quando se pesquisa sobre o que é ética, entramos em contato com infinitas teorias. Algumas ligam o sentido de ética ao de moral, como se não houvesse diferenciação. Nas minhas leituras, percebi uma dificuldade grande em se definir objetivamente o que seja ética . De acordo com Marilena Chauí, em seu livro didático pedagógico, “Iniciação à Filosofia” ( 2010, p. 264,265) diz que a essência da ética se esconde por trás da naturalização da moral, ou seja, é reconhecida em uma sociedade em determinadas condições históricas como um valor que se considera isento de avaliações.

Apesar da dificuldade em se distinguir moral, que para alguns teria um caráter mais normativo, de ética, que se pretende como valor universal, me ateno à definição que a mesma autora faz de sujeito ético:

. Ser consciente de si e dos outros (...) capaz de reflexão e de reconhecer a existência dos outros como sujeitos éticos iguais a si;

- . ser dotado de vontade, isto é, de capacidade para controlar e orientar desejos, impulsos (...) e de capacidade para deliberar e decidir entre várias alternativas possíveis.
- . ser responsável, isto é, reconhecer-se como autor da ação (...)
- . ser livre, isto é, capaz de oferecer-se como causa interna de seus sentimentos, atitudes e ações, por não estar submetido a poderes externos que o forcem e o constriam a sentir, a querer e a fazer alguma coisa.” ( CHAUI, 2010, p. 287)

.O indivíduo ético é aquele que analisa, critica e faz escolhas, pensando também em bem comum. O indivíduo ético é o jardineiro de Bauman, que preserva, cuida e percebe a existência do outro.

Apesar de vivermos em tempos de capitalismo selvagem, de valorização do caráter competitivo do homem, de fim de utopias, a escola ainda pode tentar resgatar nos alunos um comprometimento maior com suas escolhas e uma visão solidária do outro.

O mesmo Bauman, em seu livro Amor Líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos, escreve que o amor ao próximo é “ato fundador da humanidade. Também é a passagem decisiva do instinto de sobrevivência para a moralidade ( BAUMAN, 2004, p.98)”. O reconhecimento da presença do outro e do seu valor é prioritário se quisermos estabelecer relações de respeito.

De acordo com ele, o amor-próprio é o que nos diferencia dos outros animais e ele só pode se consolidar através da validação da fala do outro.

*E como podemos saber que não fomos desconsiderados ou descartados (...)? Nós o sabemos, acreditamos que sabemos e somos tranqüilizados de que essa crença não é um equívoco quando falamos conosco e somos ouvidos, quando nos ouvem com atenção, com um interesse que trai/sinaliza uma presteza em responder. Então concluímos que somos respeitados. Ou seja, supomos que aquilo que pensamos, fazemos ou pretendemos fazer é levado em consideração. .(BAUMAN, P.100)*

Conversar, ouvir, se relacionar, respeitar, indagar, se interessar são atos que nos aproximam do outro e qualificam sua existência. Fugimos assim da lógica capitalista que reduz tudo e todos a mercadoria de consumo e descarte. Considerar isso e estimular os alunos a se perceberem como sujeitos éticos, responsáveis por suas escolhas e pelo outro vem de encontro aos objetivos dessa intervenção pedagógica, que procura, através da descoberta de outras formas de enxergar aquele que está próximo, estimular o exercício da alteridade, possibilitando um convívio mais saudável e harmônico.

## 2.2. Cinema e escola

Quando se fala em cinema na escola, percebemos que sua apropriação é baseada no senso comum: cinema é entretenimento. Assistir a um filme é algo que se faz nos momentos de lazer, seja para experimentar sensações de medo, amor, riso, seja para dar uma pausa à vida, buscar refúgio na fantasia e se esquecer dos problemas cotidianos.

E quando há exibição de filmes, ela acontece para se cobrir momentos como falta de professores e pagamento de greve aos sábados e feriados. Com certeza, também existem professores que utilizam desse recurso para ilustrar os conteúdos que estão trabalhando ou projetos interdisciplinares que se propõem a discutir valores através das histórias dos filmes. O certo, entretanto, é que o cinema é visto como um apêndice das práticas pedagógicas e muito pouco como seu protagonista.

Adriana Fresquet,(2013) dialogando com Alain Bergala, Cezar Migliorin, Godard e outros, propõe outro tipo de inserção do cinema na escola: o cinema arte e o cinema alteridade.

Para levarmos o cinema como possibilidade de criação, em primeiro lugar, é necessário acreditar no potencial criativo do aluno. Na escola aprendem-se regras, qual conteúdo importante que se deve aprender, o que é um comportamento adequado socialmente. Em poucas situações o aluno é visto como sujeito de desejo, escolha e transformação. Não lhe perguntamos quase nada. Mostramos um mundo pré-formatado, como se não houvesse outras formas de compreensão. Corremos, assim, o risco de estarmos domesticando pessoas para obedecerem, para não questionarem a ordem vigente, por mais injusta que ela seja.

A proposta do cinema arte contraria a ordem imposta. De acordo com Fresquet em seu livro Cinema e Educação “o cinema entra na escola como gérmen de caos e desordem”( 2013, p.46) “A arte não obedece, não repete, não aceita sem questionar.”( 2013, p.40) O cinema arte quer devolver ao aluno o direito de explorar, inventar, fazer escolhas, refazer. Infelizmente, a educação ainda é lugar da negação do sujeito. Uma escola eficiente é silenciosa, disciplinada, tem boas notas nas avaliações municipais e nacionais. Pouco se questiona a quem ou a o que estamos favorecendo ao impormos ao aluno a lei da obediência.

Mas arte se faz na indisciplina, na transgressão, na possibilidade de reinvenção do mundo. Por que as coisas não podem ser de outro jeito? Existe

apenas um modo de enxergar? Por que temos que receber tudo pronto? O que é verdade? Colocar a câmera nas mãos dos alunos é dizer para eles que reflitam sobre essas questões e reivindiquem de volta a liberdade de estarem efetivamente no mundo. A escola pode burlar sua relação com o poder e, de acordo com Fresquet, ser pensada como “um espaço/tempo acelerador desse processo”( FRESQUET, 2013, p.22).

Ao abrirmos espaço para que crianças e adolescentes façam cinema estamos também lhes tirando do lugar daquele que recebe para restituir-lhes o lugar daquele que faz. E isso se aplica também ao professor. Nesse processo todos aprendem, todos se colocam no jogo de profanação do sagrado. E o que seria o sagrado dentro de uma escola? A obediência injustificada, a hierarquia, o currículo rígido, a formação voltada simplesmente para o mundo do trabalho.

A câmera filmadora é outro olho pelo qual podemos olhar, analisar, perceber, inventar, desconstruir o mundo que nos foi dado. E, por que não, se emocionar? Como diz a autora, a intenção não é descobrir talentos, ou formatar uma prática educativa voltada para o cinema, mas sim propiciar um encontro entre aluno e arte através da câmera.

O cinema também se constitui em um mecanismo de encontro do outro, de exercício da alteridade. É “uma janela pela qual podemos nos assomar ao mundo para ver o que está lá fora, distante no espaço ou no tempo, para ver o que não conseguimos ver com nossos próprios olhos de modo direto.” ( FRESQUET,2013, p.19)

Vivemos em um mundo globalizado e dessacralizado. As diferenças ficaram mais evidentes, porém existem padrões impostos pela economia de mercado que validam jeitos de ser, pensar, se relacionar com o mundo, de acordo com interesses próprios. Assim, somos sujeitos à massificação, passíveis de manipulação e condicionamentos. A atividade de criação nos aponta caminhos diferentes.

Quando filmamos, o encontro com o outro pode ser um encontro consigo próprio. Perceber a existência dele é também repensar a própria. É uma descoberta de que as verdades são questionáveis, que cada pessoa é também um universo. O exercício com a câmera mostra o que a sociedade do controle quer esconder: por trás de cada rosto que se filma há histórias, há modos de se estar no mundo, há desejos, há seres humanos. Compreender isso é um dos pressupostos para se

estabelecer uma comunicação de respeito e validação do outro e reconhecimento de si próprio.

### 3. FAZER CINEMA - RELATO DO PROCESSO



Fig. 1. Alunos do 9º ano em sessão de fotos. Fonte: Escola Municipal Francisco Campos. 2014

A idéia inicial do projeto de intervenção com o cinema era a produção de entrevistas acerca do tema felicidade.. Um dos objetivos foi procurar um contraponto ao que se impõe como norma de felicidade dentro da lógica de mercado em que coisas e pessoas tendem a ser consideradas como mercadoria. Pode parecer meio óbvio, mas procurava discutir algumas questões : quando as pessoas são questionadas a respeito do que consideram felicidade, o que prepondera: o ter ou o ser? Diante de tantos desejos por estabilidade financeira, aquisições, status, o que pode ser considerado um momento realmente feliz na vida de alguém?

Também procurei e estabeleci contato entre os vários sujeitos do contexto escolar, permitindo que contassem suas experiências de vida e falassem sobre felicidade.

Outro importante objetivo foi o contato com um cinema que estivesse fora da lógica de exibição dos filmes e desenhos de padrão comercial. Não que ele não possa fazer parte de um projeto de cinema, mesmo para identificarmos a repetição de fórmulas e disseminação de um modelo de vida. Queria que os alunos entendessem que o cinema não é só o hollywoodiano interessante. O cinema não se restringe a contar história, existem outras formas de se apropriar do fazer cinematográfico. O cinema é canal de expressividade artística e reflexiva, abre várias possibilidades para o olhar e enxergar o mundo. Utilizar a câmera para filmar, fazer escolhas estéticas, enquadrar, registrar imagens e sons é como deixar uma marca de identidade naquilo que se produziu e, dentro desse projeto, estabelecer um ponto de contato com o outro, muitas vezes invisível socialmente. Essa pessoa “oculta”, que não é ninguém mais do que cada um de nós, absortos no pragmatismo do dia a dia, é que queria revelar nas entrevistas.

Para que o projeto transcorresse bem, pelo menos considerei essas duas perspectivas: a necessidade de uma previsão de trajeto e a consciência de que situações que vivenciaria no percurso poderiam alterá-lo. Deveria, portanto, estar

preparada para que nem tudo funcionassem exatamente do jeito que planejei. Na verdade, a experiência valeria como uma forma de avaliar o que funcionou e o que não funcionou, o que fiz, não fiz, deveria fazer. O momento era de aprendizagem, principalmente para mim, que nunca havia feito um trabalho diferenciado de cinema na escola. De qualquer maneira, pensei o projeto nas seguintes etapas: preparação, execução, e análise.

Escolhi trabalhar com duas turmas de 9º ano, alunos, então, no último ano do ensino fundamental. A escolha foi feita tendo como justificativa a minha empatia pessoal com as turmas (estão comigo desde o 7º ano) e também porque vão sair da escola e eu gostaria que eles tivessem esse tipo de experiência com o cinema. As outras turmas poderão ter um trabalho semelhante posteriormente.



Fig. 2. Alunos do 9º ano, 33 A. Fonte: Escola Municipal Francisco Campos. 2014



Fig. 3. Alunos do 9º ano, 33B. Fonte: Escola Municipal Francisco Campos. 2014

### 3.1. A preparação

Creio que a pesquisa, a leitura, a busca por informações aumentam o potencial criativo e de descoberta. Enriquecer o capital cultural é fundamental para a aquisição de novos conhecimentos. Dessa forma, uma primeira preocupação que tive foi introduzir algumas informações sobre cinema e experimentar um pouco do processo de filmagem e exibição juntamente aos alunos que, como já havia dito, possuíam noções muito básicas e também um tanto equivocadas do assunto. Como atividades iniciais foram feitas duas: um minuto de filmagem com câmera parada – o Minuto Lumière – e, já que estudávamos o gênero textual “autobiografia”, pedi que produzissem também um minuto de filmagem que contasse, através de fotos, a história de cada um.

### 3.2. A experiência com o Minuto Lumière

De início, propus uma pesquisa sobre os irmãos Lumière, que seria cobrada mais em forma de seminário do que apenas em material escrito. Os alunos teriam que me falar sobre o que leram e entenderam e poderiam fazer perguntas. Essa

conversa serviria como canal aberto para que eu pudesse discorrer um pouco sobre cinema e apresentar o projeto maior e propor algumas atividades correlacionadas. E foi o que aconteceu, em parte...

Vivenciamos nas escolas públicas municipais uma situação recorrente, difícil de resolver: dentre outros problemas, os alunos têm pouco hábito de fazer as atividades de casa. Por mais que haja cobrança ou alguma estratégia de incentivo, nem todos cumprem os deveres fora do espaço da escola. Muitas vezes, isso dificulta o desenvolvimento da aula porque precisamos do retorno dos alunos para um prosseguimento lógico do conteúdo. Escrevo isso para não criar expectativas, algo como “todos fizeram, se interessaram, se envolveram”. Não foram todos que fizeram e muito menos tiveram um interesse particular pelo trabalho. Mas, apesar de que nem todos se propuseram a fazer a pesquisa, pude dar uma aula inicial sobre cinema e apresentar-lhes os irmãos Lumière.

Conversamos sobre o que é cinema, seu vínculo com a fotografia, pontuei o significado “imagem em movimento”, falei de como esse efeito estava sendo perseguido há muito tempo e de que os irmãos franceses conquistaram o título de inventores do cinema por terem sido muito bem sucedidos no seu experimento, apesar de não apresentarem uma total novidade no cenário da época. Os alunos ouviram, alguns participaram com algumas informações que colheram nas suas pesquisas, mas ainda não de uma maneira amadurecida. Então comentei que estava fazendo um curso em Educação e Cinema, que faríamos entrevistas, mas antes precisávamos “brincar” um pouco com a câmera, aprender a filmar, filmando. A seguir, expliquei o que seria o primeiro trabalho: assim como os Lumière, todos deveriam fazer a filmagem de alguma cena do cotidiano. Ela deveria durar um minuto apenas. Os meninos acharam meio estranho, mas concordaram em fazer o trabalho. Alguns falaram que não tinham como filmar, pois não possuíam celulares ou máquinas fotográficas. Aproveitei a oportunidade para conversar sobre solidariedade, que é um contraponto à idéia de competição. Ao mesmo tempo que propus a atividade, quis criar um clima de cordialidade na sala. Pedi àqueles que tinham meios de fazer o trabalho cooperassem com aqueles que estavam em dificuldades, que emprestassem o celular ou máquina. Não pude averiguar se a ajuda aconteceu ou não, mas tive uma quantidade razoável de meninos que cumpriram a atividade.

Pedi a disponibilidade de algum aluno de cada sala para receber as filmagens e passá-las para um pen-drive. É importante envolver os alunos nesse processo, eles ganham porque são validados nas capacidades até então ocultas, e nós, professores que não dominamos o conhecimento de informática, podemos dividir o trabalho com eles e mais uma vez reconhecer que esses meninos têm muito a nos ensinar. Os alunos que fizeram a montagem do material foram muito disponíveis e competentes.

Marquei prazo de entrega do material e uma data de apresentação. Houve certa dificuldade em cumpri-los, algum problema com a formatação da filmagem, mas fiquei satisfeita, pois tive um número considerável de alunos que apresentou o Minuto Lumière e também uma ótima recepção por parte deles. Foi bonito vê-los se divertindo com cenas aparentemente banais como o registro do trânsito de uma rua, uma partida de futebol, meninas brincando na beira da piscina, a rua filmada de dentro de um carro em locomoção. Antes de filmarem, conversei sobre a postura do artista diante da produção: fazer algo diferente, evitar copiar a idéia do outro, reinventar. E alguns entenderam o recado, por exemplo, a menina que filmou uma rua de uma maneira totalmente distorcida. Esteticamente, confesso que ficou estranha, mas a intenção foi bem vinda.

Ao assistirmos cada cena, fazíamos comentários a respeito do ângulo, das cores utilizadas, do inusitado que surgia do cotidiano. Em cada sala escolhemos uma filmagem considerada a mais interessante: na primeira sala, uma partida de futebol e ,na segunda, dois meninos que colocaram a máquina no guidão da bicicleta e foram filmando uma corrida enlouquecida pelas ruas do bairro ( falei para eles que tinha ficado muito interessante, mas que não fizessem isso de novo, devido ao perigo que correram).

Hoje, eu não escolheria os melhores. Falei anteriormente sobre a questão da solidariedade e acredito que escolher “os melhores” incentiva a competição. Pensei e resolvi tomar mais cuidado com a lógica de que existe sempre um melhor diante de outros que, aparentemente foram menos bem sucedidos. Além disso, eu precisava ser coerente com a minha proposta inicial de formação ética. Se o exercício de filmagem era para oportunizar um olhar sobre as coisas, não caberia escolher aquele que “olhou” melhor, mesmo que as diferenças de percepção e técnica sejam óbvias. O objetivo tinha que ser, na verdade, mostrar a câmera como

um instrumento de expressão pessoal e de descoberta do mundo e valorizar o empenho de cada aluno.

### **3.3. A experiência com a autobiografia audiovisual**

Trabalhar com o gênero autobiografia enquanto texto audiovisual não estava exatamente nos meus planos iniciais, porém foi algo propício, já que aumentou a intimidade dos alunos com o uso do computador e, principalmente, viabilizou a construção de suas identidades reveladas através da montagem das fotos.

Lemos algumas autobiografias para conhecermos a estrutura do gênero e fizemos exercícios de escrita. Então foi feita a proposta: cada aluno deveria fazer um vídeo, que durasse também um minuto, e que contasse um pouco de sua história de vida. Alguns meninos consideraram um minuto muito pouco, outros falaram que não tinham fotografias suficientes. Porém conversei com eles sobre como deveríamos utilizar a criatividade nas situações controversas e fazer o melhor uso possível dos recursos que tivéssemos disponíveis. Quis que entendessem que a originalidade poderia vir também da falta, apesar de que seja muito mais confortável se produzir em boas condições. Se, por exemplo, não possuíamos registros de fotografias suficientes para se traçar uma autobiografia, por que não fotografar objetos, pessoas que estiveram presentes no nosso percurso de vida? A ausência dos elementos convencionais poderia gerar um trabalho rico, já que orientaria o olhar para outras possibilidades de reconstrução da memória.

Mais uma vez pedi ajuda a alguns alunos para receberem os filmes e providenciarem sua montagem. E mais uma vez fui surpreendida com o conhecimento que possuem sobre informática. Enquanto conversavam sobre formato, programa e coisas das quais nunca ouvira falar, questionei internamente o discurso que repetimos de desqualificação dos alunos: “Esses meninos não sabem nada.” Quem não sabia nada, naquele momento, era eu. Às vezes, os “entendidos” eram meninos normalmente apáticos em sala de aula, não muito bons nos resultados escolares, mas que se entusiasmavam quando o assunto era algo ligado ao universo da computação. Inclusive, aquele que mais me ajudou ficou retido no 9º ano por excesso de faltas.

Separamos algumas aulas para assistir às autobiografias e foi percebida a sensação de importância que os alunos experimentavam ao mostrar para a sala as

fotografias da infância, a festinha de primeiro ano, a família, os amigos. Quase todos seguiram o mesmo padrão: uma primeira fotografia de quando eram bebês e uma última junto aos amigos de escola. Pudemos fazer uma reflexão de como existe uma semelhança nas memórias, que até então julgávamos particulares, o inconsciente coletivo, e de como isso tem a ver com o contexto cultural e social do qual compartilhamos. Mas que, apesar disso cada vida é única e que não se repete.

Alguns aspectos técnicos e estéticos foram apontados. Analisamos a coerência da montagem ( alguns alunos fizeram uma montagem aleatória das fotos, não se preocupando como a sequência lógica do discurso), a disposição das fotos , o uso da música, o lugar comum e a criatividade. Às vezes as fotos estavam deitadas, eram escuras demais, mal enquadradas ou se repetiam. Isso foi conversado ao longo da exibição. Um dos aspectos que pude observar foi em relação ao uso da música como trilha sonora das autobiografias. Quase todas eram acompanhadas por músicas americanas e foi algo que pude apontar para os alunos. Por que não usaram músicas brasileiras, já que temos um repertório vasto e rico? Em que sentido as biografias poderiam revelar uma construção de identidade que utiliza elementos de outra cultura e como o adolescente pode ser interpretado a partir daí? É claro que não há como negar a influência dos americanos em muito do que assimilamos e a música, em especial, se coloca muito presente na nossa vida. Isso não deixa de ser também uma manifestação de identidade dentro do contexto de globalização dessa geração de adolescentes, e do qual nós também não conseguimos escapar.

Ao discutirmos a questão, percebi um grande preconceito em relação à cultura brasileira, vista como uma expressão menor. (“Música brasileira é ruim.” “Filme brasileiro é ruim.” “Hoje, até futebol brasileiro é ruim.”) É muito complicado desconstruir essa idéia, já que é algo que se enraizou através do contato diário e insistente com padrões americanos ,presentes nos meios de comunicação, como cinema, programas de televisão, literatura de massa, artigos de consumo e outros. Mas o meu interesse também não era fazer discurso antiamericano e convencê-los de que temos algo melhor a oferecer. Mas tentei abrir uma discussão para entendermos o porquê de desvalorizarmos tanto o que possuímos e como isso pode influenciar nosso sentimento de passividade diante da própria cultura, já que, mesmo inconscientemente, assumimos uma postura de menor valia. Quis fazê-los voltar o olhar para nossa cultura sem ilusões ,sem repetir uma fala acrítica, de

ufanismo. Porém, tentar “enxergar” o que existe à nossa volta, e que há muita coisa boa sendo esmagada nesse processo de desqualificação. Seria uma forma de repensar o que realmente nos identifica, quem somos nós ou do que estamos nos distanciando. É importante que a escola discuta preconceitos históricos com este, de que somente é bom o que vem de fora. Reproduzir esse pensamento é estimular a submissão a padrões que se oferecem como únicos e perder a oportunidade de reconhecimento da e na própria cultura. Porém sei que adianta pouco falar sobre isso se, nas entrelinhas, também assumimos o discurso da menor valia. Quanto de música brasileira trabalhamos em sala de aula? E quanto de filme brasileiro?

Além dessa discussão, pensamos juntos alguns aspectos estéticos (fundo/figura, cores, sombras, enquadramento), a recorrência do “selfie” e a clareza da linha de pensamento que cada um construiu. Um dos alunos exibiu um vídeo bem diferente. Ele fez uma montagem de fotos que apareciam em espelhos, todas ao mesmo tempo, sem distinção da época em que foram tiradas. Pudemos pensar em como a memória é fragmentada e, de certa forma, ilusória. O que sabemos do que se passou são reflexos de momentos que a mente organiza em uma lógica própria.

É importante ressaltar que estávamos fazendo todas as atividades sem falar em nota ou conceito. Eles nunca me perguntavam quanto elas valiam e eu também me esquecia de informar. Mas nem tudo foi tão fácil e a receptividade não foi boa o tempo todo. Por mais que o currículo tradicional funcione muito pouco com esses alunos, ainda existe um conservadorismo latente e uma desconfiança em relação a novas propostas de trabalho, e não só vindo de colegas de trabalho. Relatarei alguns episódios desconfortáveis pelos quais passei ao longo do texto.

### **3.4. A exibição do filme “Enfim, o Cinema” , de Jérôme Prieur**

O tema “cinema” já havia sido introduzido, faltava desenvolvê-lo. Assisti ao filme “Enfim, cinema”, de Jérôme Prieur, 2011, nas aulas de especialização do Laseb e fiquei encantada. Tive a idéia de exibi-lo aos alunos para que conhecessem a pré-história do cinema e começassem a se familiarizar com um gênero de filme que fugisse ao formato com o qual estavam acostumados. Ele é uma mistura de narrativa e documentário, utiliza imagens coloridas, mas muitas estão em preto-e-

branco ,e uma grande parte dos registros é antigo, do século XIX e começo do século XX.

Tive o cuidado de prepará-los para tudo isso. Avisei antes que sabia que mostraria uma novidade ( cenias antigas!) e que eles teriam que ter um pouco de paciência se quisessem entender o filme. Falei sobre a dificuldade especial que hoje temos com o que não é mais considerado novo, e que tem relação com um projeto de progresso que desconsidera o que já passou e ultra-valoriza o presente e futuro.( que nunca chega). A desconfiança com o que é considerado passado é transferida para o homem. O medo de envelhecer, o preconceito contra o idoso, a destruição de casas para construção de prédios têm muita relação com esse sistema. Vivemos numa eterna ânsia por juventude, mas um dia,os velhos seremos nós...

A exibição do filme foi tranqüila, houve certa agitação a partir da metade dele, mas finalmente vencemos o desafio. Pedi a eles que explicassem um pouco sobre o que entenderam, o que acharam do filme e, ao longo da conversa, pude mostrar um pouco mais sobre a história do cinema. Hoje penso que poderia trabalhar com fragmentos do filme. Talvez tornasse a tarefa menos árdua e mais rica para os alunos.

Como já havia comentado, nem tudo ocorreu como o esperado. A expectativa de um professor é que os alunos atribuam o mesmo valor e significado que ele ao projeto. O cinema é sim um grande ferramenta a ser utilizada como recurso pedagógico, mas temos que assumir a realidade de que nem todos estarão envolvidos da mesma maneira. Há aqueles que se identificam, a quem o cinema fala alguma coisa. Há outros que não são alcançados e sobre os quais é difícil fazer alguma coisa. Quando elaborei o projeto, pensei em dar oportunidade a todos os alunos do 9º ano, indiscriminadamente. Achei estranho escolher apenas os interessados e assumi o risco de não alcançar a todos. A oportunidade, porém, foi dada e , é claro, tive que vivenciar situações desestimulantes.

É necessário relatar o que perguntou uma aluna, enquanto discutíamos o filme: *“Você vai dar aula só sobre isso ,o ano todo? Não vamos ter gramática?”* Confesso que fiquei bastante surpreendida e desconsertada. E respondi: *“ Sim, vamos ter gramática. Não vamos estudar só isso. E ... parabéns pelo seu interesse por Português.”* *“Ah.”* Foi o que ela respondeu.

Sei que o que ela queria era me provocar naquele momento. Mas sei que o projeto também gerou um estranhamento relativo a se trabalhar cinema em uma

aula que, a princípio, deveria priorizar outro conteúdo. A quebra com o convencional, a sensação de não estar se fazendo nada de produtivo, realmente incomoda alunos, colegas, gestão. Creio, porém, que é um caminho para se fugir ao sistema de repasse de conteúdo que, por mais que a escola negue, continua nas práticas de sala de aula. Se quisermos propor algo novo, é necessário que passemos por situações como a relatada.

### **3.5. A exibição do filme “Pro dia nascer feliz”, de João Jardim**

Eu precisava de um filme que estivesse no formato documentário e que fosse acessível à faixa de idade dos alunos. Não podia ter uma linguagem muito complexa, mas que lhes falasse bastante. Escolhi, então, Pro dia nascer feliz, de João Jardim, 2007. É um belo filme que mostra a realidade das escolas no Brasil, revelada em diversas regiões e camadas sociais. Nesse momento, os meninos já sabiam que fariam filmagens em forma de entrevistas e que precisariam prestar atenção em como elas eram feitas, considerando-se também os aspectos estéticos. Percebemos que o entrevistador nunca era visto, os entrevistados surgiam em primeiro plano, principalmente, e havia uma preocupação com o fundo, com o que aparecia por trás deles. As escolhas não eram aleatórias. Havia o confronto entre realidades diferentes, meninos estudando em escolas de situação precária e outros, da mesma idade, tendo acesso a uma educação refinada. Várias problemáticas envolvendo educação são destacadas e um episódio marcou especialmente a todos: a garota que mata uma colega e diz que não se importa, o tempo em que ficaria presa passaria rápido. As frases típicas como “Não dá nada pra mim” também apareceram.

Eu esperava que a experiência com o filme fosse algo mais instigador, que os alunos se identificassem com alguma situação, e que percebessem que a diferença de acesso à educação se justificava também pela desigualdade social no Brasil. E muito mais: isso tinha muito a ver com eles próprios. Gostaria mesmo que eles saíssem da sala de projeção pelo menos indignados. Não foi o que aconteceu. Senti mesmo que essa idéia de que há alguns privilegiados em detrimento de outros que vivenciam a falta de acesso não só de educação, mas de condições básicas de sobrevivência, era natural, óbvia. Através da discussão, não muito rica, diga-se de passagem, senti que uma grande parte acredita que o sucesso de uma pessoa é

derivada de empenho pessoal, que os mais fortes iriam se sobressair aos mais fracos sempre. Não havia, aparentemente, um pensamento voltado para se considerar uma relação mais justa e cooperativa. A competição, a diferença social parecia que era vista sem problemas.

Talvez tenha esperado uma reação diferente do que eles poderiam oferecer nesse momento de suas vidas, talvez deveria ter deixado a discussão fluir mais livre para que os alunos se posicionassem de acordo com o que realmente achavam. O fato é que, apesar de minha surpresa com a sensação de comodismo em relação ao que estava sendo visto, acredito que o cinema deve sim ser utilizado dentro da escola. Ele consegue desnaturalizar essas relações de desigualdade, injustiça, exploração mostrando outros pontos de vista diferentes sobre o mundo, sobre a vida.

Não creio que foi uma experiência frustrada. Ela, entre outras coisas, revela a extrema necessidade de se oferecer ao aluno uma oportunidade para pensar. Do contrário, estaremos formando sujeitos apáticos, acomodados e manipuláveis. Talvez o hábito da exibição e discussão possa potencializar práticas como essa.

### **3.6. Proposta de entrevista sobre o tema “Felicidade”**

Nesse instante, os alunos já sabiam que fariam entrevistas dentro da escola. Faltava explicar a eles como funcionaria e falar sobre a temática. Optei por direcionar o trabalho para uma questão aparentemente simples, mas de extrema relevância: o que as pessoas dizem ser felicidade? Qual seria o momento mais feliz na vida de uma pessoa?

É notório que vivemos em uma época atribulada, em que somos empurrados para o consumo como forma não só de conseguir a provisão para a sobrevivência, mas seduzidos pelas promessas de felicidade. Somos levados a gastar nossas vidas em busca de um prazer obtido através do acúmulo de bens e abrimos mão das relações interpessoais, do afeto. Os shoppings são os grandes substitutos dos espaços de lazer do passado. Comprar virou sinônimo de se divertir.

As entrevistas seriam uma forma de investigarmos, através da experiência das pessoas, o que elas consideram ser felicidade. Será que encontraríamos muitos relatos sobre aquisição? É realmente o consumismo que determina o que é se sentir

feliz? Uma pessoa pode se sentir bem diante de algo que não pode ser “comprado”? E mais: existe um conceito único sobre o que é ser feliz?

Entretanto, além da reflexão que se faria através das entrevistas, havia outras intenções: dar voz ao vários sujeitos que circulam pela escola, criar uma aproximação diferente com eles, quebrar a regra internalizada de que categorias diferentes não dialogam. As pessoas são as histórias que contam, as idéias que têm sobre as coisas. Ouvi-las seria um exercício de alteridade.

Um menino perguntou por que não pedíamos às pessoas para relatarem o momento mais triste da sua vida. Respondi que um dos objetivos do documentário era relembrar situações que pudessem oferecer ao espectador uma ponta de esperança no mundo. Os momentos que não foram tão bons, às vezes, nos esforçamos por esquecê-los, e o pior dia da vida, esse sim não tinha certeza se deveria ser lembrado. Não tínhamos, a princípio, condições para se tocar em questões sobre as quais não saberíamos o que fazer. E já recebemos informações demais sobre tragédias. Parece que existe um clima programado de terrorismo, de desconforto que nos faz duvidar de tudo e de todos. É só ligarmos a televisão para entendermos que a profusão de notícias que veiculam acontecimentos ruins é tão grande que passamos a considerar o mundo como um palco de horror.

Conversei com um colega sociólogo sobre isso e ele me falou que existem teorias que dizem que a recorrência ao tema violência é uma estratégia para se ter menos violência. Mas, dessa forma, podemos até vivenciar um suposto estado de paz, porém a sensação é de guerra. E não seria a mesma coisa com a felicidade? O comércio não vende “felicidade” tendo como pretexto a falta, o dissabor?

Os alunos participaram da discussão, porém senti um olhar meio desconfiado por parte deles. Mesmo que o trabalho convencional funcione pouco, ainda há uma suspeita muito grande quando a proposta é nova. Enfim, concordaram em fazer o documentário e resolvemos como seria o procedimento. Faríamos grupos de cinco alunos que sairiam pela escola entrevistando pessoas, e um deles estaria encarregado para manusear a máquina. Cada grupo teria uma aula para a atividade. Pedi que diversificassem o tipo de pessoa que abordassem, que houvesse nas filmagens vários segmentos da escola e diversas faixas de idade. Tenho que destacar que a máquina era de meu uso pessoal e adquirida durante esse curso. É uma Nikon semi-profissional, da qual conhecia somente os recursos básicos. A

imagem é muito boa, mas a captação do som não, problema que relatarei melhor posteriormente.

De início, propus que abordassem alguém e pedissem a essa pessoa que relatasse o momento mais feliz de sua vida. Expliquei um pouco com deveria ser a aproximação, de que uma entrevista segue uma linha lógica de discurso, e de que deveriam ouvir para poder perguntar. O pedido do relato deveria ser feito sem que a pessoa fosse avisada previamente sobre ele. Seria interessante ver a reação de cada um diante da pergunta.

Era necessário que os alunos também começassem a emitir opinião sobre o tema. Então, aproveitei uma aula na qual explicava o gênero textual carta e pedi que escrevessem a alguém da sala emitindo sua opinião sobre o que consideravam ser felicidade. Eis duas delas:

*Belo Horizonte, 21 de agosto de 21 de agosto de 2014*

*Oii nega (Michely)*

*O que é felicidade pra você?*

*Pra mim, felicidade é estar de bem com a vida, com você mesma, rir das coisas simples e não fazer dos problemas questões de vida ou morte... Felicidade é VIVER um dia de cada vez, com seus problemas, alegrias e agradecer a cada momento o fato de ter algo para se preocupar e estar viva. Felicidade pra mim é um dia de sol... Estar sozinha ou com pessoas que eu amo, é acordar e ouvir os pássaros de manhã cedo apesar de estarem na cidade grande, é saber que a vida é uma caixinha de surpresas e que você tem o poder de mudar o rumo da SUA vida. Pode demorar, mas sempre vale tentar, e o que está dentro de você, a sua fé, a sua força de vontade, é o que conta.*

*Lembre-se que a vida não é um campo de batalha. Sorria e seja generosa.*

*“Ser feliz é encontrar força no perdão, esperanças nas batalhas, segurança no palco do medo, amor nos desencontros. E agradecer a Deus a cada minuto pelo milagre da vida.”*

*Lavínia*

*Felicidade pra mim*

*Feliz, pra mim, é aquele cujo coração está em Deus. Entregar-se totalmente a Ele, é ser feliz... dormir, acordar ou, por exemplo, fazer qualquer tipo de atividade*

*sabendo que tudo está sob seu controle, domínio... é estar tranqüilo, seguro e feliz... Esquecer as circunstâncias, adversidades, por algo mais profundo, no tocante à alma, como se todos os problemas fossem inexistentes... é ser feliz! Estar em comunhão com pessoas que amamos e que nos amam, é sentir a felicidade exalar como um perfume no coração, nos levando à paz, deleite, prazer...*

*Felicidade é um dom, uma dádiva, um presente de Deus aos seus.*

*Precisamos nos dispor a ela para vivê-la, de fato. Para tanto, não é preciso ser bom, "o melhor"... mas, sobretudo, ter amor!*

*(Natan)*

O aluno que escreveu essa carta tem amadurecido demais neste ano e percebo que seus textos têm melhorado. Também repete um discurso voltado para a religião, bem presente em alguns depoimentos que foram filmados.

### **3.7. Divisão da turma em grupos e começo das filmagens**

A divisão dos grupos foi feita pelos alunos mesmos, por afinidade. Um dos alunos de cada turma, que tivesse um pouco de experiência com fotos ou filmagem foi escolhido para ligar e carregar a máquina. Pedi que ajudasse a cada grupo, mas que não interferisse na escolha das pessoas, do espaço, do enquadramento a ser feito. Não queria um trabalho de uma pessoa só. Orientei os alunos a que destacassem o rosto do entrevistado, percebessem o que havia de fundo, que enquadrassem procurando uma imagem bonita, agradável de ser vista. A escolha estética deveria ser considerada.

A filmagem dos depoimentos foi a parte mais bem sucedida do projeto. Os alunos se mostraram muito interessados em fazê-las e se divertiram bastante. Sair da sala de aula, ocupar outros espaços da escola, fazerem parte de uma atividade em que não era proibido conversar os estimulou muito. Eles ficavam me perguntando quando seria o momento deles, me cobravam quando, por algum motivo, não conseguia dar continuidade ao que combinamos, quando surgia algum problema rotineiro.

Os alunos começaram a filmar e, quando chegavam das filmagens, eu tinha o cuidado de perguntar o que havia acontecido, se tudo havia dado certo, como eles

havia abordado o entrevistado. No início, percebi que na escolha havia muitos professores. Então, pedi que variassem mais, escolhessem outras pessoas. Eles já convivem com a gente diariamente, mas talvez quisessem usar dessa aproximação para nos conhecer melhor, não sei. Mas orientei para que pensassem nas outras pessoas que circulavam por ali. Pedi que também escolhessem colegas de idades diferenciadas e outras pessoas que trabalhassem na escola.

As entrevistas duraram, pelo menos, duas semanas. Os meninos relataram que nem todos foram solícitos para responderem as perguntas, mas a maioria sim. Perguntei se havia relatos parecidos, e eles me contaram que, quando as pessoas iam falar de momentos felizes, normalmente relatavam nascimento de filhos e outros casos domésticos. Perguntei se alguém tinha ficado feliz por ganhar algo ou por ter dinheiro e a resposta foi não. Parece que a maioria das pessoas considerou o momento maior de felicidade em alguma situação que envolvesse uma relação interpessoal.

É necessário registrar que a pergunta inicial “Qual foi o momento mais feliz da sua vida?” já havia sofrido algumas variações. Os alunos fizeram outras como “O que é felicidade para você?” ,”O que *te* faz feliz?” ou “Tem alguma coisa que impede a sua felicidade?” De executores de uma ação, eles imprimiram sua marca na atividade, o que foi bem interessante.



Fig. 4. Aluna se preparando para filmar. Fonte: Escola Municipal Francisco Campos. 2014



Fig. 5. Aluno se preparando para filmar. Fonte: Escola Municipal Francisco Campos.2014

Eu estava feliz com o empenho dos meninos, de vê-los sair com a câmera filmadora e voltarem rindo para a sala, contando as coisas que tinham acontecido. Eu sabia que eles estavam conversando com muita gente da escola e nem imaginava que poderia causar algum tipo de incômodo.

Os alunos filmaram uma professora e eu comentei que ela havia ficado muito bem na filmagem. Uma colega ouviu e perguntou se era eu que estava fazendo esse trabalho com os alunos. Respondi orgulhosa que sim. E a professora: “Quando é que isso vai acabar? Eu não agüento mais esses meninos atrás de mim pedindo pra me entrevistar.”

Sair do lugar comum é desafiador. Não culpo a colega por reagir assim diante do projeto. Pode ser que estivesse cansada ou mesmo que não quisesse se expor. Vários professores concordaram em participar das entrevistas. A reflexão que se pode fazer a partir dessa fala é sobre o desconforto sentido diante de atividades que questionam o pragmatismo do cotidiano escolar. Meninos andando pela escola, conversando, rindo, abordando pessoas pode ser sinal de falta de disciplina e rigor na visão de alguns. A escola precisa enxergar o aluno também na sua especificidade de criança ou adolescente e de que existem outras formas de aprender.

Como já foi comentado, a maioria das entrevistas estava muito bem enquadrada, com uma boa qualidade de imagem, mérito dos alunos e também da máquina utilizada. Porém, senti que os entrevistados não falaram muito, nota-se em algumas pessoas certo nervosismo diante da câmera e talvez uma dificuldade para se expressarem diante dela. Existem cenas bem bonitas, como a da professora que chorou ao falar do nascimento do filho, o garotinho do 1º ciclo que gostava de brincar, a adolescente grávida que não continha o riso.

Houve, porém, uma filmagem que registrou um momento de espontaneidade deles muito interessante: os alunos se filmaram dando cambalhotas em cima de um colchão. Em nossa escola há um curso de circo nos finais de semana e o colchão que eles usam estava no pátio. Os meninos o encontraram e fizeram uma brincadeira: cada um corria e dava um salto de cambalhota e caíam sobre o colchão. Na filmagem, ouvi-se: “Corre, é a Imaçulada, a Imaçulada... ( a vice-diretora ).” Ficou muito divertido, apesar de estar fora do que combinamos, mas considerei como uma forma de se falar sobre felicidade na prática.

### **3.8. Um breve comentário...**

Fazer trabalhos diferenciados requer do profissional muita vontade, esforço, paciência e um cuidado muito especial com aquele que mais pode colocar tudo a perder: seu colega. É a escola que fica tumultuada, é o conteúdo que não é dado, é a risada que impede que se dê aula. E é a falta de entendimento do que você está fazendo unida ao perigo de um julgamento sem o cuidado da pergunta. Passei por uma situação difícil em outra escola e acho justo relatá-la aqui, já que também fiz uma atividade paralela de cinema, aproveitando o que tenho aprendido no curso de especialização.

Faríamos uma feira de cultura no ensino médio e o tema para minhas turmas de 1º ano seria expressão corporal. Na verdade, não houve uma conversa prévia para pensarmos o projeto juntos, foi algo que chegou já formatado, mas com brechas para um trabalho diferenciado. Então, pensei: “Nosso trabalho de expressão corporal será com cinema. O olho faz parte do corpo e o cinema é movimento, união perfeita! Faremos o Minuto Lumière.”

A sala que orientei era bem agitada, apesar de possuir um grande potencial criativo. Foi complicado explicar aos meninos a proposta, fazer com que

entendessem, pois eles conversavam o tempo todo. Exibi filme sobre a história do cinema, outro sobre ritmo no cotidiano, orientei para que eles filmassem cenas com expressão de movimento. Como eles tem dificuldade em ouvir, escrevi as orientações do trabalho. A atividade se desenvolvia bem quando, faltando apenas dois dias para a apresentação na feira de cultura, o professor idealizador do projeto, sem conversar comigo, falou com os alunos que o que estavam fazendo não era válido e que eles perderiam ponto por isso. E mais: aquilo não era expressão corporal. Em uma reunião da qual não participei, ele levantou a questão e fiquei sabendo que outros professores também acharam que o trabalho não estivesse adequado ao tema.

A situação se apaziguou depois que conversei com esse colega e expliquei como estava trabalhando, sobre a seriedade da proposta e que cinema era sim um tipo de expressão do corpo. Não houve, suponho, uma compreensão efetiva do que estava dizendo, mas pude apresentar o trabalho com os alunos. A propósito, eles gostaram muito de ter feito as filmagens, me deram um retorno bem positivo. E nossa turma, entre os primeiros anos, foi a que recebeu a melhor pontuação.

Relato essa experiência para observar que, muitas vezes, as forças repressoras partem de dentro da escola. Estamos muito acostumados a um tipo de aula que prioriza o currículo, a disciplina, as provas de acesso à faculdade. Somos induzidos a reproduzir dentro das escolas um modelo de educação para a formação de trabalhadores. Outros tipos de linguagem, que parecem não atender a esse modelo, são vistos com suspeita. E o cinema, por mais que acreditemos em sua legitimidade como instrumento válido para a formação do aluno, ainda é colocado à margem.

Talvez não seja exatamente essa a visão dos colegas. O problema estaria no engessamento das idéias. Uma coisa só pode ser feita de uma forma e não de outra. Com os alunos, quando as práticas não aconteciam do jeito que eu esperava, aprendi a atribuir validade às marcas pessoais que deixavam em suas produções. Fazer diferente é buscar o novo na criatividade e pode ser muito melhor do que a adequação ou repetição.

### 3.9. Escolha e análise das entrevistas

Quem utiliza recursos audiovisuais para dar aula quase sempre se depara com problemas técnicos e, invariavelmente, humanos. Apesar de enriquecer as aulas, oferecer uma experiência diferente, sair da rotina, é necessário que haja uma disposição enorme do professor para fazer com que tudo funcione. É a falta de horário na sala de vídeo, é o equipamento que não funciona ou está desconectado, é alguém que tirou a caixa de som e não devolveu. Todos esses episódios aconteceram e dificultaram o desenvolvimento do projeto, inclusive o momento em que o material coletado foi exibido e analisado. Tenho que observar mais uma vez que a sala de vídeo não possui condições adequadas para a exibição de filmes.

Foi difícil marcar uma data para a análise das entrevistas. Estávamos voltando da greve, o clima de continuidade já havia se rompido. Seguimos adiante, apesar disso. Levei as turmas para a sala de vídeo (uma de cada vez) e assistimos a todas as entrevistas. Escolhemos, de sessenta entrevistas, uma média de trinta, utilizando como critério a estética, a captação do som (tivemos alguns problemas) e o interesse em relação ao que se relatava.

Observamos com atenção o enquadramento e ângulos escolhidos, qual a mensagem que se passava na escolha estética. Às vezes a filmagem era feita de cima, o que transmitia uma idéia de opressão, outras foram filmadas com muita sombra ou cortando partes importantes daqueles que estavam sendo entrevistados.

Tentamos escolher, além do critério estético, pessoas de diversos segmentos e idades. Por vezes, o áudio não estava bom, mas a beleza do enquadramento era tamanha que optamos por escolher a filmagem. Também incluímos na escolha alguns momentos de espontaneidade, como o da garota que dá uma gargalhada enquanto é filmada. Um dos relatos que selecionamos e que gostaria de citar foi o de uma garota que foi filmada por trás da grade da escola. E ela falava que não acreditava na existência de um dia feliz na vida, mas que deveríamos fazer de cada dia o dia mais feliz de todos. Os meninos acharam a cena engraçada, o fato de se falar em felicidade na perspectiva da prisão. Conversamos sobre a metáfora visual que, mesmo não tendo sido programada, nos fazia refletir sobre o que seria liberdade. Éramos realmente livres para sermos felizes? Estaríamos vivendo uma ilusão de liberdade e, como consequência, também a ilusão de felicidade? Quais seriam as grades imperceptíveis que nos tiram a liberdade da escolha?



Fig. 6. Coordenador da Escola Integrada sendo entrevistado. Fonte: Escola Municipal Francisco Campos. 2014

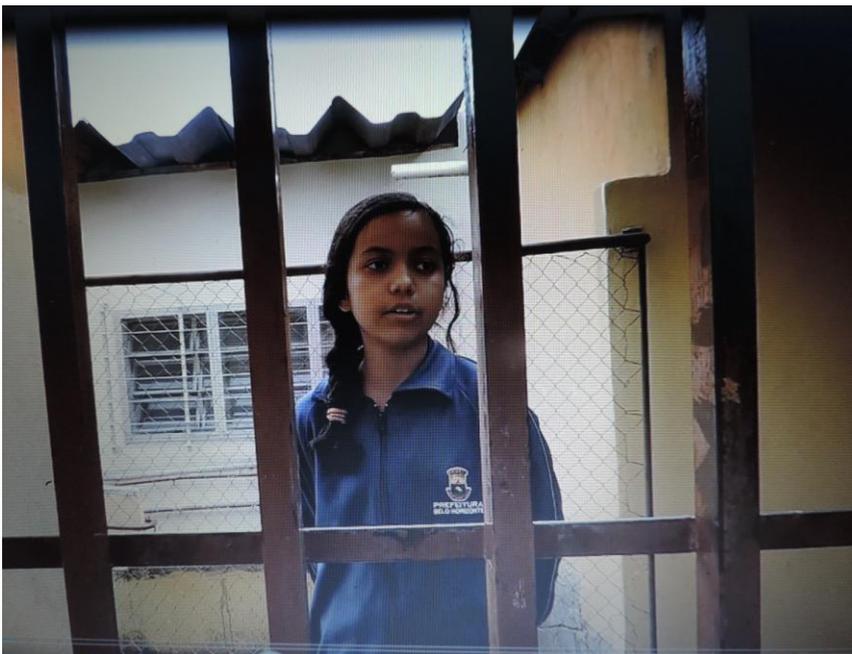


Fig. 7. Aluna do 3º ciclo sendo entrevistada. Fonte: Escola Municipal Francisco Campos. 2014

Ao analisarmos as entrevistas, pudemos constatar que, nas entrevistas, ao falarem sobre felicidade, as pessoas relembavam momentos que envolviam nascimento de filho, namoro, casamento, relacionamento com Deus, futebol. Quase

nenhuma associou felicidade a um momento de consumo. Levantamos algumas questões: É possível dizer que a felicidade se encontra nas experiências cotidianas de afeto? É possível dizer que a felicidade não se realiza no consumo? As pessoas respondem a verdade ou o que é esperado delas? Conseguimos formular uma idéia exata do que é ser feliz?

Não pudemos elaborar uma resposta conclusiva sobre o tema. O certo é que não existe uma resposta para “o que é felicidade”. Entretanto, o exercício de reflexão serviu para nos mostrar que sempre existem outros pontos de vista, que as pessoas possuem histórias e escolhas próprias. Também que podemos ouvir o que os outros falam é dispensar-lhes crédito, é dizer que o que dizem tem valor, por mais simples que isso aparente ser.



Fig. 8. Alunos filmando a eles próprios em um momento de descontração. Fonte: Escola Municipal Francisco Campos. 2014

Em relação à qualidade estética, posso afirmar que houve um aprimoramento, basta observar as filmagens. A cada atividade que fazíamos era perceptível que as orientações feitas sobre ângulo, enquadramento, uso de cores e luz foram levadas em consideração. O homem que é entrevistado da janela do seu carro, o orientador da integrada que se mistura ao fundo, a menina que pode ser vista através das grades, a vegetação que aparece no fundo de muitos entrevistados são provas de que realmente a escolha não foi aleatória. Os alunos, ao assistirem seus vídeos, já

conseguiram elaborar uma opinião mais consistente sobre o que achavam que estava bom e o que não estava.

Foi também bastante interessante o modo como saíram do roteiro pré-estabelecido. Eles fizeram perguntas diferentes e filmaram algumas brincadeiras, como a da cambalhota do colchão, o que atribuiu uma espontaneidade e uma sinceridade peculiar ao filme. Penso que poderia ter dado um pouco mais de liberdade para que fizessem do jeito que achassem melhor para que houvesse mais momentos como esses. Assim, eles poderiam imprimir um pouco mais ainda um jeito próprio de enxergar as coisas, o que era um dos objetivos do projeto

#### 4. CONCLUSÃO

Quando pensei o projeto em questão, tinha pensamentos um pouco equivocados e mesmo inocentes quanto ao que seria contribuir com a formação ética do aluno. Também, no íntimo, queria, através das práticas, além de aproximar pessoas, dissociar a idéia de felicidade a de consumo, mostrar outras formas de ser feliz através da análise da fala do outro. E o cinema, a meu ver, era indiscutivelmente a melhor, a mais rica e prazerosa maneira de se fazer isso.

O desenrolar do mesmo trouxe-me muitas questões importantes para repensar não só o projeto em si, mas toda a prática pedagógica fora dele. Observando os alunos, dialogando com eles, assistindo ao que filmaram, analisando suas falas, e percebendo a reação de alguns colegas de profissão, pude desconstruir alguns conceitos que tinha inicialmente e amadurecer meu próprio olhar sobre educação, alteridade e cinema.

Apesar de o fio condutor do projeto ser a produção de entrevistas e análise do conceito de felicidade através delas, havia um objetivo evidente de interferir no próprio conceito do aluno. Isso poderia se tornar problemático se, em vez de provocadora me tornasse uma “repassadora” de ideias, por mais que haja boas intenções por trás disso.

O professor, enquanto sujeito sócio-cultural, transporta para a sala de aula conceitos, preconceitos e ideologias oriundos de suas experiências de vida e de sua época e eu não fugia à regra. Se o objetivo é desenvolver um trabalho de formação ética, devemos reconhecer que é preciso tomar alguns cuidados. Trabalhar formação ética não é repassar normas ou respostas prontas, e sim um desnudamento de idéias preconcebidas e estímulo do livre pensamento e da reflexão.

Ao trabalhar o tema felicidade, tinha idéias muito próprias sobre os resultados que gostaria de alcançar com o projeto, mas constatei que, apesar de convicta da importância delas, não poderia ser meu papel impor valores meus aos alunos, induzi-los a pensarem como eu. Em algumas ocasiões falei mais do que eles. Deveria levar a discussão em sala e estimulá-los a que eles se expressarem mais, construíssem conceitos, e mudassem de idéia quando achassem necessário.

Na verdade, sensibilizada pelas leituras de Zygmunt Bauman, queria dar-lhes alento, já que parti do pressuposto que a maior parte dos alunos é desprovida de

recursos materiais e, portanto, distantes da máxima contemporânea que associa felicidade a consumo.

Grande engano. Apesar de pertencerem a uma classe mais humilde, estão totalmente inseridos no sistema de consumo, de um jeito ou de outro. São os celulares comprados em lojas populares, os fones de ouvido, as roupas com marcas famosas (originais ou não) . Minha ânsia era viabilizar um olhar diferente sobre o que poderia ser felicidade, mas muitas vezes o olhar era o meu. Mais do que fazer uma crítica à sociedade de consumo precisaria estimulá-los a desenvolverem um pensamento próprio sobre o tema e confiar-lhes autonomia.

Dar liberdade de pensamento ao aluno parece simples, mas não é. O professor ainda é cobrado para ter respostas prontas, ensinar o inquestionável, ser dono de verdades. É um risco de perda de credibilidade que corremos quando trazemos a dúvida para dentro da sala de aula. Mas talvez seja uma das grandes contribuições que podemos oferecer ao aluno: tirar-lhes do lugar de ouvintes e colocá-los no papel daqueles que falam. Formar eticamente o aluno é provocá-lo a pensar e fazer suas próprias escolhas e, da forma como a escola se estrutura, isso não é nada fácil.

A experiência colocou em evidência a dificuldade que temos em escutar os alunos e acreditar no seu potencial de reflexão. Seria talvez mais interessante perguntar a eles qual o tema que gostariam de trabalhar, mesmo que eu achasse boa a idéia da felicidade. Se um dos objetivos do projeto era estimular a capacidade de se pensar e para isso seria importante a liberdade, creio que deveria ter possibilitado que eles próprios deveriam escolher sobre o que desejavam discutir.

Apesar de tudo, cumprimos com o planejado e chegamos à análise das entrevistas. Ela deixou claro que a maioria das pessoas não prioriza o consumo quando se fala em felicidade. Não é o carro, a roupa, a casa que fazem as pessoas felizes. Pudemos perceber uma recorrência muito forte em idéias de felicidade voltadas para a família. A maior parte das mulheres respondeu que o dia mais feliz da vida foi o dia que tiveram o primeiro filho. Os adolescentes entrevistados valorizaram bastante o contato com os colegas também. Outra resposta que se repetiu foi a de que a felicidade são momentos e não uma constância, que é, portanto, ocasional. Parece que há ainda bastante interesse pelas relações interpessoais, principalmente no âmbito familiar.

Quanto ao cinema, é ele sim uma linguagem riquíssima a ser usada em sala de aula. Infelizmente, quase sempre está presente na escola como entretenimento, pois normalmente são exibidos repetidamente filmes de padrão comercial. A proposta que trabalhei procurou se distanciar disso, inclusive porque, além de mostrar outros formatos, os meninos não foram considerados somente expectadores, mas também criadores de seus filmes.

Os filmes exibidos, *Enfim, o cinema* (2011) e *Pro dia nascer feliz* (2006), causaram estranheza, o que era de se esperar. Não senti que os alunos foram muito instigados pelos filmes, não houve muita discussão a partir deles. Creio que a dificuldade pode ser explicada principalmente pela falta de familiaridade com esse tipo de filme. Mas posso citar outras interferências também: a baixa qualidade dos recursos para a exibição dos filmes, a dificuldade própria da idade em se abstrair temas mais complexos como, por exemplo, os do segundo filme e talvez uma abordagem mais interessante da minha parte..

Nas entrevistas que fizemos foi diferente, percebi o encantamento deles ao saírem por aí filmando e exibindo o que filmaram. É claro que acharam muito divertido sair de sala de aula, estar livres pela escola em grupos, mexerem com a câmera e abordarem pessoas. Aprender sem parecer que se está aprendendo algo afasta um pouco o peso da aula convencional e de que há uma obrigação a cumprir. Houve um perceptível aprimoramento estético quanto às escolhas de enquadramento, cores e ângulos que fizeram. Usamos o material do livro “*Inventar com a diferença*”, um projeto de cinema na escola da Universidade Federal Fluminense e da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, para entendermos um pouco das escolhas de filmagem. Percebi uma diferença grande entre os trabalhos iniciais e as entrevistas finais, o que conferiu sucesso a minha investida. Os alunos saíram desse projeto com um cuidado mais consciente das escolhas de filmagem.

Não me arrependo por ter exibido os filmes que escolhi. Acho que aos alunos tem que se dar a chance de terem contato com o que não é muito comum. No caso do cinema, deve-se investir na formação do gosto, mas sem que se espere uma resposta imediata e única do aluno. Entretanto, é notório que as atividades que foram feitas fora da sala foram mais interessantes para os alunos. A escola deve oportunizar experiências como essa. As falas sempre eram muito positivas “Foi legal demais”, “Nós entrevistamos um monte de gente”, “Quando é que é a nossa vez,

professora?.” O clima de brincadeira, a liberdade para transitarem pela escola e a participação em grupo foram muito propícios ao bom resultado dessa etapa do projeto.

O uso da tecnologia também merece uma reflexão. Muitas vezes, ela é vista com desconfiança pelos professores. É o celular que atrapalha a aula, as pesquisas que saem prontas da internet, o aluno que não faz o para casa porque fica o dia inteiro nas redes sociais, a câmera fotográfica que nos flagra em momentos conturbados. A tendência é restringirmos ao máximo o uso desses recursos porque não conseguimos lidar com eles. No projeto de cinema pude redimensionar o uso da tecnologia e perceber sua potencialidade enquanto recurso pedagógico e artístico, mesmo que com receio de ser vencida por ele. Internet, celular, câmera filmadora, programas de edição, data-show, tela de projeção foram algumas ferramentas utilizadas em sala e que conferiram novidade e dinamismo às aulas, rompendo com a rigidez da prática tradicional.

Entretanto, a tecnologia também nos trai. Ela promete facilidade, rapidez, praticidade, mas não as cumpre o tempo todo. Houve vários momentos em que pensei em desistir por causa das dificuldades que encontrei em utilizar esses recursos. É a sala de vídeo que está toda desconectada porque usaram o data-show em uma reunião, a falta da cortina com blackout, a caixa de som que desapareceu, o formato do vídeo do aluno que não é lido pelo computador, o áudio que não fica bom nas entrevistas, o programa de edição que não funciona, o vírus que entra e faz um estrago enorme em tudo que você coletou do seu trabalho.

Alguns problemas são fatalidade, mas outros podem ser evitados. A escola precisa oferecer estrutura para utilização de recursos audiovisuais. Temos que ter salas de vídeo bem equipadas, com bons aparelhos e que simulem de verdade uma sala de cinema. As condições de exibição são tão importantes quanto a escolha dos filmes. Fui bastante prejudicada pela precariedade do espaço de exibição que tinha disponível também.

Sinto também que cursos que ajudem ao professor no uso dos recursos tecnológicos são essenciais. São poucos os profissionais capacitados para lidar com eles. Creio que se investir nesse tipo de formação não é simplesmente enriquecer a prática pedagógica, mas é questão de urgência. Não podemos ignorar que a era digital está aí e nossos alunos já nasceram imersos nela. Excluindo as ocasiões em que a falta de organização prejudicou o andamento do trabalho, entendi que

precisava de um conhecimento prévio de alguns recursos de programa de computador para viabilizar, por exemplo, a edição das entrevistas. O tempo que tive para compreender todo o aparato necessário não foi suficiente, não só devido às dificuldades próprias dos recursos, mas também aos recorrentes problemas de uso do computador., como vírus, lentidão da internet e outros.

#### **4.1. Considerações finais**

A reflexão que abstraio de tudo que vivenciei é para minha prática pessoal. Penso hoje que a abertura a outras maneiras de educar é muito importante. Práticas que quebrem a rotina, que dêem possibilidade de criação, com certeza, ganham significado especial porque exigem uma participação mais efetiva do aluno, por mais que se saiba que nem todos são atingidos da mesma forma. E também estou convicta de que a formação continuada dos professores é direito e deve ser valorizada como benefício para a escola e crescimento do profissional. Não deve ser entendida como oportunismo ou uma maneira de burlar aulas aos sábados. O ganho que uma escola tem em investir na formação de um professor é muito grande e maior do que sua eventual e justificada falta em eventos específicos

Quanto aos objetivos do projeto, algumas questões se colocam: Houve um desenvolvimento de um olhar sensível sobre o outro? Houve reflexão real sobre a idéia de felicidade? A concepção de cinema foi expandida? A criatividade foi estimulada? Essas são perguntas difíceis de responder porque são coisas também difíceis de ser medidas. Como conseguimos saber o quanto de interferência um projeto como esse promoveu no aluno? Não é possível dar uma pontuação para resultados que são subjetivos e que não se finalizam em uma data estimada, mas são para a vida toda.

Entretanto, posso dizer que a conquista maior desse projeto foi oportunizar aos alunos a prática do cinema dentro de uma perspectiva humanizadora do espaço escolar. Creio que pudemos perceber a presença do outro, criando um clima saudável de convivência e qualificação das experiências de vida. Os alunos tiveram contato com vários segmentos da escola, o que criou um clima de curiosidade e cordialidade. Porém, o maior ganho, sem dúvida, foi pessoal, porque eu mesma também fui instigada a ter esse olhar mais humanizador do outro e amadureci minha prática educativa, me capacitando melhor enquanto professora.

Como parte de uma escola, creio que é importante estimular a autonomia e criatividade dos alunos para se pensar um modelo de sociedade em que há possibilidade de escolhas conscientes. A escola deve ser espaço de reflexão e realização. Precisamos sair do lugar comum para educarmos alunos fazendo com que percebam seu potencial de transformação e tenham senso crítico para identificar os sistemas de manipulação aos quais somos submetidos a todo instante.

O cinema também precisa ser redimensionado pela escola. Ele é uma linguagem rica e estimulante, que nos permite recriar o mundo a nossa volta, compartilhar experiências de vida e exercitar a alteridade. Porém, não é possível apenas implantar um programa que envolva cinema sem que a escola assuma sua responsabilidade de estimuladora das capacidades sensíveis e intelectuais dos alunos.

Tenho ainda muito que aprender sobre formação ética e cinema. Minha formação não se interrompe com a conclusão desse projeto. Apesar de acreditar na autonomia como pressuposto para uma pedagogia sadia, sou ainda levada a ocupar o lugar do poder e repetir o modelo em que fui educada: o professor fala e o aluno ouve. Criar ambiente e condição para esse desenvolvimento sensível e intelectual do aluno, abrindo mão da autoridade não é fácil, as antigas formas de educar surgem a todo instante. Entretanto, creio que consigo avaliar hoje com mais clareza minha prática enquanto professora e modificar, dentro das possibilidades, minha postura e procurar coerência entre o que acredito e como ajo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos; tradução Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Zahar, 2004

BAUMAN, Zygmunt. Tempos líquidos; tradução Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Zahar, 2007

CHAUÍ, Marilena. Iniciação à filosofia: ensino médio, volume único. – São Paulo : Ática, 2010, p. 261 – 286

FRESQUET, Adriana. Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. – (Coleção Alteridade e Criação 2)

MIGLIORIN, Cezar; PIPANO, Isaac; GARCIA, Luiz; GUERREIRO, Alexandre; NANCHERY, Clarissa; BENEVIDES, Frederico. Inventar com a diferença: cinema e direitos humanos. – Niterói: Editora da UFF, 2014.

PAULA, Marcos Ferreira de. Sobre a felicidade – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. – (Coleção Práticas Docentes)

VALLS, Álvaro L.M. O que é ética. – 9ª Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos: 177)

## **FILMOGRAFIA**

PRO DIA nascer feliz. Direção: João Jardim. Rio de Janeiro: Tambellini  
Filmes e Fogo Azul Filmes. 2006, 86 min., son., color

ENFIM, o cinema. Direção Jérôme Prieur França: Arte France la Cinemathèque:  
Milesand films. 2011, 54 min., son., P.B., Legendas 2 Pontos: Digital